

Semiárido e a construção das formas sociais: uma reflexão sobre mídia e cotidiano¹

Poliana QUEIROZ²
Wellington PEREIRA³

Resumo

O presente artigo propõe algumas reflexões sobre a construção de significações dos acontecimentos cotidianos do Nordeste Semiárido reportados pela mídia, a partir do discurso do seu habitante. As reflexões teóricas seguiram o caminho metodológico próprio do “Formismo”, teoria do cotidiano proposta por Michel Maffesoli, que valoriza as formas sociais. Por meio destas é possível ultrapassar os modelos prontos e fixos e buscar a profunda aparência da vida cotidiana, uma vez que não se parte de nenhum conceito apriorístico. O cotidiano passa a ser o ponto de partida e de chegada e o percurso o grande revelador da realidade social.

Palavras-chave: Nordeste Semiárido. Mídia. Cotidiano.

Abstract

This work presents some thoughts concerning some constructions regarding the semi-arid northeast region, reported by the media using its inhabitants point of view. The theoretic reflexions were built using the "Formismo" methodology, theory proposed by Michel Maffesoli, which values the social forms. By its means, it is possible to exceed the pre-conceived models and to search the true aspect of the daily life, since it does not rely on any aprioristic concept. The daily life becomes the beginning and arrival point leaving the journey as the big social reality revealer.

Keywords: Semi-arid Northeast. Media. Daily.

¹ Artigo apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, e-mail: polianaq@gmail.com.

³ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, PPGC/UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa do Cotidiano e Jornalismo (Grupecj).

Introdução

O Nordeste brasileiro é tema privilegiado no meio acadêmico, sobretudo nos campos do conhecimento da história, da geografia e da sociologia, que escreveram inúmeros livros a respeito. No entanto, são poucos os estudos que abordam a região a partir do olhar da mídia e do cotidiano dos habitantes do Nordeste Semiárido nas narrativas jornalísticas. É justamente esta lacuna, este vácuo deixado pelos estudos da mídia, que se deseja ajudar a preencher com este trabalho, seguindo os passos de pesquisadora destes problemas e, ao mesmo tempo, de habitante desta região, impregnada da vida desta terra e do sentimento de seu povo.

Partindo da ideia que a mídia não é apenas o espaço de reprodução do real, mas, principalmente, o *lugar* a quem o próprio real se remete para apontar o processo de sua produção e legitimação, o jornalismo assume papel imprescindível na vida cotidiana: o de mediação. Assim, garante a constituição de um sentido comum e a indispensável coesão social.

Retoma-se, portanto, neste estudo, o Nordeste Semiárido a partir do campo da mídia, que nas condições de socialidade⁴ contemporânea constrói a noção de realidade com a qual operamos, podendo ser considerado como principal mapa disponível a todos os cidadãos, para orientá-los em todos os domínios da vida econômica, social e política atual.

Constituinte e constituída pelo imaginário e pelos símbolos, a mídia atua numa relação cíclica, na tentativa de restringir as possibilidades de transgressão, de reduzir a capacidade de criação simbólica do homem que recebe uma superabundância de símbolos, diariamente, sem precisar pensar ou mesmo sair de casa.

Ao se deparar com os recortes da vida cotidiana apresentados pelo discurso jornalístico, o homem passa a ter contato com uma parcela fragmentada desses acontecimentos, fato que o distancia da amplitude do cotidiano em que se encontra inserido.

Dessa maneira, torna-se oportuno que o pensamento científico reflita sobre a construção de significações dos acontecimentos cotidianos do Nordeste Semiárido

⁴ Para Michel Maffesoli (1995) socialidade se diferencia de sociabilidade, pois a primeira propõe o estar-junto, compartilhar emoções sem contrato, a partir dos gostos eletivos.



reportados pela mídia e tente contribuir para que se tenha novo olhar sobre esse espaço geográfico, livre das pesadas heranças do passado, sem estigmas e preconceitos.

Nordeste Semiárido

A expressão *Nordeste* possui significados já cristalizados que evocam uma série de imagens, tanto das suas características geográficas quanto culturais, sociais e econômicas. Apesar de conter uma materialidade capaz de ser lembrada e transformada em matéria de expressão estética e artística, o Nordeste, enquanto região é uma concepção recente.

Até o início do século XX, o Nordeste não existia sequer semanticamente. Não se pensava neste espaço como região, nem os “nordestinos” eram percebidos. Não se solicitava verbas ao Governo Federal para resolver o problema da falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e sede, como registra Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*. O problema, como narra Albuquerque Junior (2001), mal era anunciado, era apenas vivido, sem grande visibilidade ou dizibilidade.

O Nordeste, que hoje existe, é fruto da antiga geografia do Brasil segmentada em duas grandes porções: a Norte e a Sul e nasce como a parte do Norte sujeita às estiagens. Aos poucos emerge no seio de discursos jornalísticos, artísticos, científicos e literários; sobretudo, a partir da obra *Os Sertões* (1906) de Euclides da Cunha e dos textos regionalistas da década de 1920, sob a assinatura de autores como Gilberto Freyre e Djacir Menezes, que apresentam e distinguem dois Nordeste: o agrário e o pastoril, ou seja, o Nordeste úmido e o seco.

Mas, desses dois Nordeste, o que prevaleceu e se tornou um cenário cristalizado no imaginário nacional, quando se fala na região, é, sem dúvida, o Nordeste seco, Semiárido⁵, saturado de sentidos e carregado de estereótipos. E é sobre o cenário Semiárido e o processo de construção do cotidiano de seus habitantes, no contexto midiático, que abordaremos como objeto de estudo.

⁵ Esse Nordeste seco, Semiárido, corresponde a mais de 50% do Nordeste brasileiro e 13% do território nacional, o que representa aproximadamente 900.000 km². É caracterizado pela heterogeneidade das suas condições naturais, como clima, solo, topografia, vegetação e características sócio-econômicas, tendo na seca o traço marcante da região, sendo essa, na maioria das vezes, a temática mais notada e difundida pela mídia. Vale salientar que neste estudo não nos dedicaremos a analisar o Semiárido Brasileiro, mas sim a parte do Semiárido que está inserida no Nordeste (BRASIL, 2005).



Aproximadamente 22 milhões de pessoas habitam o Semiárido. O cotidiano desses personagens geralmente é reduzido ao atraso e à pobreza da região. São imagens da terra rachada, de retirantes fugindo da seca, de animais mortos, de crianças raquíticas, do atraso econômico-social e do sofrimento socialmente reconhecidas e consagradas, que direcionam os comportamentos e as atitudes em relação ao Nordeste e ao nordestino, dirigindo inclusive o olhar e a fala da mídia que estabelecem uma forma de dizer e ver o regional.

Contudo, a construção dessa visibilidade e dizibilidade Nordestina não foi gerada apenas fora dos seus limites regionais, mas também pela sua própria fala e reproduzida pelo seu povo. Os nordestinos aparecem como partícipes da construção cultural do Nordeste, pois se *nordestinizam* ao passo que são *nordestizados*, instalando-se na dicotomia que opõe o Nordeste ao Sudeste. E o discurso jornalístico produzido pelos meios de comunicação nordestinos acompanha essa trajetória de reprodução do estigma da *nordestinidade*, ao passo que se refere à região sempre com a repetição dos mesmos textos e imagens.

Cotidiano como caminho de investigação

Para entendermos como o cotidiano dos habitantes da região é construído pelo discurso midiático, especialmente o impresso, é preciso enveredar pelos campos da sociologia da vida cotidiana, à luz do pensamento de Michel Maffesoli que convida o pesquisador a enxergar o cotidiano muito além das designações genéricas, que o esbarram no senso comum e o descrevem como rotina, repetição, ou banalidade. Leva a vislumbrá-lo em todas as suas formas de representações, não deixando de considerar aspectos como subjetividade, alteridade, socialidade e microssaberes.

A partir do momento em que reconhecemos os modos de agir e pensar do outro, estamos reconhecendo a complexidade da vida cotidiana que se configura como uma teia de significados na qual o indivíduo, por meio do seu imaginário social, atua como peça-chave do campo do cotidiano. É deste modo que se passa a entender o cotidiano como espaço de produção de fatos sociais, se apresentando, dentro desse contexto, como um campo capaz de tornar públicas questões do privado social.

Os costumes, as crenças, os dizeres de um determinado povo, o que falam, a maneira de falar, as atitudes em determinadas circunstâncias, as astúcias do dia a dia se tornaram fonte de um conhecimento próprio, o qual defende Maffesoli (1995).

Nunca é demais insistir na nobreza da vida cotidiana. Pode-se dizer que é a partir do “ordinário” que é elaborado o conhecimento do social. É conveniente insistir nisso, pois, por um lado, tal como um ponto cego, trata-se de um domínio que era estranhamente ignorado pelos intelectuais, e por outro, esse cotidiano parece ser uma das principais características do estilo estético do qual nos ocupamos aqui (MAFFESOLI, 1995, p.63)

É neste sentido que a sociologia da vida cotidiana apresenta o cotidiano como realidade, método, enquanto forma abrangente e determinante no arranjo da vida social. Ao se deter ao cotidiano como uma experiência não conceitual, o sociólogo francês utiliza o termo “estilo” para se referir ao modo particular da vida cotidiana, que privilegia o presente.

O cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido de [...] algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma “encarnação” ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura. (MAFFESOLI, 1995, p.64).

Na visão do autor, o estilo⁶ cotidiano é atravessado pelo aleatório, com ênfase nos jogos da aparência e nos aspectos imateriais da existência que, de uma forma paradoxal, são identificados pela operação das imagens e da linguagem. Ele acredita que “a vida cotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido coletivo” (MAFFESOLI, 1995, p. 65) podendo este dar forma e sentido ao conjunto da sociedade.

O cotidiano, por esta significação, se constitui a partir de três elementos como define Pereira (2007): o mundo da vida, a vida cotidiana e a cotidianidade. O *mundo da*

⁶ O conceito de estilo é aplicado às formas sociais como algo construído a partir do imaginário de cada povo.



vida, numa leitura da fenomenologia de Alfred Schütz é entendido como o mundo intersubjetivo anterior ao nosso nascimento, sem deixar de considerar as heranças socioculturais constituídas no imaginário por meio da estocagem.

O conceito de *vida cotidiana* é lembrado por Pereira (2007), num primeiro momento, como as condições de vida dos trabalhadores, as condições objetivas da produção capitalista, o campo onde se localizam as mediações entre os indivíduos. E a *cotidianidade* está relacionada à qualidade, à adjetivação dos procedimentos da vida cotidiana.

Para uma leitura abrangente e compreensiva da vida cotidiana é preciso dedicar-se a desvendar os meandros da existência, fugindo das definições já finalizadas, por meio de uma corrente teórica que permita descrever, de dentro, os contornos, os limites e as necessidades constitutivas do cotidiano.

Em busca das formas sociais

Os estudos do cotidiano ganham destaque à medida que podem ser usados como ferramentas metodológicas para a leitura do imaginário social construído por cada comunidade. No atual contexto em que as verdades prontas não oferecem respostas plausíveis, Michel Maffesoli situa sua abordagem no campo das efervescências da vida diária, de onde surge o novo estilo de análise fundado na estética. O formismo, no entender do autor, é uma corrente eficaz para dar conta da sociologia do cotidiano. Essa linha teórica servirá como percurso metodológico para investigar o objeto de estudo.

O termo formismo é proposto por Maffesoli (2007, p.109). para fazer referência a “certo enquadramento que permite pôr em relevo características da vida social sem deformá-la em demasia” A forma é capaz de alcançar as aparências do social que seriam eliminadas em uma análise puramente objetiva ou racional. Em seu entendimento, o conceito exclui, porque enquadra e impõe normas e padrões, enquanto a forma agrega.

O cotidiano é uma forma (anti-racionalizada) teatralizada e superficial, cujo estudo demanda compreender o jogo das formas sociais aí presentes. As formas nas quais os fenômenos sociais aparecem e se enquadram dão a simbologia e a significação do mundo fenomênico; são a matéria-prima de como o mundo se dá a conhecer (MAFFESOLI *apud* TEDESCO, 2003, p.124)

O cotidiano não se constitui como um objeto, mas como uma forma. O formismo foge ao positivismo que por tentar discriminar e delimitar, não consegue dar conta da multiplicidade de valores e sentidos da realidade. Pela sua vitalidade e fluidez se opõe a toda tentativa de enquadramento.

Para esta corrente, os acontecimentos sociais só existem porque estão inseridos dentro de uma forma, que precisa ser levada em consideração antes da investigação do objeto. A perspectiva formista prioriza os aspectos que estão à margem do centro da razão, relegados ao esquecimento.

O formalismo conceitual se empenha em conferir sentido a tudo que se observa; assim, dá razões e submete à razão – ao passo que o formismo se contenta em delinear grandes configurações que englobam, sem os reduzir, valores plurais e às vezes antagônicos da vida corrente (MAFFESOLI, 2007, p.117).

Em suma, o formismo se resume ao seguinte entendimento: “não é o que um objeto social *é*, senão a maneira pela qual *se apresenta*, que pode guiar a investigação” (2007, p. 125). A forma pode ser revelada tanto a partir das personalidades, celebridades como também do indivíduo comum. A partir de uma razão sensível, o senso comum e o homem comum são valorizados. Utilizaremos as formas para retratar o cotidiano do habitante inserido no Semiárido por meio do contexto midiático, de onde poderemos extrair as especificidades de uma dada cultura.

O cotidiano e as narrativas jornalísticas

No mundo da vida cotidiana, compreendido como o mundo dos significados intersubjetivamente partilhados, a comunicação exerce um papel fundamental na organização social, por meio da interação entre os sujeitos e pela troca de significados.

O processo comunicativo é essencial para a existência de qualquer relação social. Nele os fenômenos subjacentes nas diversas situações cotidianas são abordados como objetos das narrativas jornalísticas que, ao se utilizarem do cotidiano como fonte permanente de informação, modificam e reconstróem a realidade. Nestes aspectos, os

fatos sociais, de acordo com Pereira (2009), são retratados a partir de um modelo operacional e argumentativo da linguagem.

A narrativa jornalística, conforme descrevem Sodré e Ferrari (1986, p.11) “é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um determinado espaço”. Traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo em relatos.

É a partir dos enunciados narrativos que somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras, em uma ordem e perspectiva, num desenrolar lógico e cronológico. Assim, compreendemos a maior parte das coisas do mundo.

A narratologia, enquanto teoria da narrativa, é um campo e um método de análise das práticas culturais, é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos, que produzem sentido nas sociedades. “A narratologia procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da compreensão e expressão narrativa da realidade, inclusive através da mídia” MOTTA (2007, p.144).

Como sugere Motta (2007), por meio dos procedimentos da narratologia é possível remontar sequência de notícias e reportagens⁷ sobre um mesmo tema, que se mantém no noticiário durante dias, semanas, meses - no nosso caso, sobre o cotidiano das pessoas que vivem no Nordeste Semiárido - recompondo histórias integrais plenas de sentido que nos permitem visualizar aspectos simbólicos nem sempre explícitos.

Monta-se então uma trama para compreender o tema como síntese, permitindo a análise dos fios e encadeamentos, do cenário em que os personagens se situam e o papel que ocupam nas narrativas. Esses personagens, inseridos na vida cotidiana, ganham espaço e se constituem como centro dos discursos jornalísticos que, permeados de sentido, podem ser observados e analisados tanto pelo que se demonstra quanto pelo que se insinua, sugere ou oculta.

As matérias informativas produzidas e veiculadas pela mídia não mostram apenas informações, mas atualizam a realidade social. Renovam e experimentam diária e cotidianamente a percepção do mundo, do ambiente de convívio e de ação. Motta, Costa e Lima (2004, p.34) escrevem:

⁷ A reportagem é o gênero do jornalismo onde está mais presente o relato dos personagens. Segundo Sodré e Ferrari (1986), as principais características da reportagem são: a) predominância da forma narrativa; b) humanização do relato; c) texto de natureza impressionista; e d) objetividade dos fatos narrados. Para alcançar essa proposta é fundamental a participação do personagem na narrativa. É a sua fala que garantirá a verossimilhança da narrativa.



Para nós, como produto cultural, as notícias narram não apenas os fatos historicamente localizados, mas constroem a realidade social re-significando-a mediante elementos presentes no universo cultural. Narram os dramas e tragédias da vida humana, os conflitos, as lutas, as utopias, os sonhos, os medos, os desejos, as frustrações, os sentimentos de personagens que preenchem as páginas dos jornais.

Esse processo narrativo do cotidiano surge impregnado de elementos provenientes do imaginário, da estocagem e da memória cultural coletiva e mistura-se com a realidade dos fatos reproduzidos.

Os jornalistas, por sua vez, não conseguem prescindir de sua ideologia, suas impressões, seu imaginário, seus sentimentos e suas atitudes frente a aquilo que está sendo narrado por eles. Com isso é possível observar quais fatos recebem maior evidência em relação a outros, e como os personagens assumem lugar de fala privilegiado, revelando ainda as estratégias comunicativas executadas pelas narrativas jornalísticas.

Mesmo as notícias jornalísticas de caráter objetivo são agentes construtores de uma realidade discursiva e não meras reproduções como espelho da realidade à medida que narram histórias. Na visão de Charaudeau (2006) a informação jornalística é parte constitutiva do universo social e não reflexo da realidade.

Nesse sentido, os textos jornalísticos não são a própria realidade, mas um modo de reescrevê-la baseado em técnicas específicas que prescindem de critérios como atualidade e interesse público. A concepção de jornalismo como forma de conhecimento faz supor que ele tanto transmite, quanto produz e recria os acontecimentos.

Dessa maneira, o discurso midiático, que desemboca no cotidiano, passa a servir de parâmetro para o indivíduo no processo de construção social da realidade, uma vez que a sua interação com o outro, na vida cotidiana, é permanentemente afetada pelo acesso e participação nos acervos sociais de conhecimento disponíveis, sendo a mídia um destes acervos.

Ao absorver do cotidiano o conteúdo que nutre a mídia, o jornalismo atua como um tear do presente e as narrativas como fios condutores que passam a revelar os acontecimentos do mundo em relatos. Ao selecionar os fatos que se tornarão públicos, o

jornalismo exerce um papel fundamental na sociedade, determinando o que a audiência ficará sabendo ou não.

As informações midiáticas, ao construírem e retratarem os acontecimentos, também atuam na modelagem da vida cotidiana. Por isso entendemos que o jornalismo e o cotidiano estão imbricados. Ora o cotidiano pauta as narrativas jornalísticas, ora são estas que pautam o cotidiano, pois definem o que os indivíduos terão acesso e a forma que irão conhecer os temas e/ou assuntos selecionados.

O processo de inscrição do cotidiano na mídia

Na verificação dos fenômenos produzidos no cotidiano, os elaboradores das narrativas, como sugere Pereira (2007), devem ultrapassar as imposições sociais da vida diária e procurar perceber a perspectiva de Georg Simmel: “a profunda aparência da vida cotidiana”. Ele destaca ainda que, para compreender a comunicação na vida cotidiana, deve-se pensar que “todos os eventos banais, exteriores são, finalmente, ligados por fios condutores às opções finais, referentes ao sentido e ao estilo de vida”. (SIMMEL *apud* PEREIRA, p. 69).

Para isso é preciso ir além de modelos midiáticos calcados na objetividade, como sinônimo de verdade, responsáveis por reduzir a polissemia do cotidiano. Deve-se deixar de priorizar a anunciação (reduzida apenas em mostrar) no lugar da enunciação (ato de narrar, descrever). A mídia tenta ser totalizante, contudo, não se deve aceitá-la como oráculo. Existem outros discursos que podem ajudar o receptor a entender os fatos sociais.

Pereira (2009) contribui para os estudos sobre o cotidiano e a mídia estabelecendo uma metodologia para a inscrição da vida cotidiana na linguagem jornalística, em destaque a impressa. Destaca cinco procedimentos que as narrativas devem conter para que não caiam nas armadilhas semânticas e ideológicas dos discursos objetivos.

- 1) as construções de enunciados jornalísticos sobre o cotidiano não devem ser regidas apenas por descrições do mundo referencial, ou seja: se faz necessário demonstrar como o sensível determina a forma como são traduzidas em informação as ações dos sujeitos; 2) a vida



cotidiana está para a mímese, assim como a vida jornalística está para a imitação. A primeira se renova a cada movimento dos atores sociais; a segunda é a extensão de tipos sociologicamente idealizados; 3) a vida cotidiana não pode ser retratada, no jornalismo impresso, considerando-se apenas as técnicas estruturantes de apreensão do real: é preciso evidenciar o caráter ilógico da vida mundana através de recursos como a utilização da metáfora; 4) na construção da pauta, o jornalista deve empreender esforços para estabelecer uma “cartografia dos sentidos”, estabelecendo vínculos entre as culturas subjetivas e objetivas; 5) é preciso demonstrar, através dos gêneros jornalísticos, que os fragmentos da vida cotidiana, os intervalos intersticiais, são campos simbólicos produzidos por atores sociais (PEREIRA, 2009, p. 6-7).

O autor estabelece ainda três aspectos de observação para a inscrição do cotidiano nas linguagens da mídia, na quais o pesquisador fuja das armadilhas que transformam a técnica e a obsolescência em metafísicas acabadas: 1) valorização do imaginário das sociedades; 2) identificação das alteridades; 3) estudo da apropriação dos discursos populares pela mídia; e da apropriação da mídia pelos discursos populares (PEREIRA, 2009).

Ao se utilizarem do cotidiano como fonte permanente de informação, as narrativas jornalísticas, modificam e reconstróem a realidade. O conhecimento disseminado por meio de matérias jornalísticas é um produto da interação social entre aspectos intersubjetivos e a organização institucional do campo do jornalismo.

Neste sentido, cabe ao elaborador de conteúdo: 1) utilizar recursos narrativos para vencer a técnica imposta pelo modelo mercadológico; 2) valorizar os imaginários aproximando assim de um nível dialógico; 3) diminuir a distância entre o ser e o objeto. Dessa maneira, o modelo industrial se renovaria, garantindo um olhar mais crítico para os acontecimentos cotidianos transformados em produto midiático.

As formas discursivas e o cotidiano do Semiárido na mídia

Ao utilizar o cotidiano como aporte teórico para os estudos da mídia, por meio da corrente formista proposta por Michel Maffesoli, torna-se possível ampliar os horizontes e as fronteiras do estudo proposto, longe do maniqueísmo e das definições genéricas e conclusivas. Propõe-se expandir as possibilidades de análise, sem partir da

existência de um *a priori*, permitindo que se descubra a profundidade contida na aparência, no qual o cotidiano é o ponto de partida e chegada, sendo o percurso metodológico guiado pela construção de formas para entender a realidade da vida.

Investigar o cotidiano dos habitantes do Nordeste Semiárido na mídia é dar autonomia aos elementos constituintes das narrativas jornalísticas, possibilitando a análise das diversas formas existentes. A forma – no sentido geométrico e também discursivo - sempre utilizada como a maneira com que as coisas se apresentam naquele instante. Deste modo, o conceito de Semiárido pode ser construído a partir de três formas discursivas: 1) personagens; 2) imprensa; 3) reportagem.

Na primeira assertiva o discurso do Semiárido é construído através dos personagens, das falas dos entrevistados que compõem a matéria jornalística. Cabe avaliar como eles interpretam a realidade, o que vivenciam e como descrevem sua vida cotidiana. Neste ponto, deve-se levar em consideração as falas, as maneiras de dizer, a transcrição é mantida no discurso direto ou possui influência do jornalista ao traduzir sua voz para o discurso indireto.

A segunda assertiva procura analisar o discurso de construção do Semiárido a partir do olhar da imprensa que por meio do repórter, conceitua o discurso dos entrevistados como formas da realidade. E a terceira assertiva propõe entender a reportagem como forma discursiva responsável pela reunião dos micros (falas individuais).

Além das formas discursivas pode-se também enquadrar o cotidiano dos habitantes do Semiárido a partir de formas de conteúdo, que unificam a ideia da região no contexto midiático.

Acredita-se que este percurso metodológico pode contribuir no entendimento e no caminho proposto pelo estudo, uma vez que não se partir de nenhum conceito apriorístico e sim de formas, podendo visualizar de todo processo que compõe a trama dos minúsculos fios tecidos naquele instante.



Considerações finais

No processo comunicacional – tal qual se dá no cotidiano – as virtualidades complexas são drasticamente reduzidas. O jornalista passa do apressado registrador do real aparente ao participante das ações cotidianas das camadas sociais da atualidade. Cabe ao produtor de linguagem ultrapassar os limites impostos pela pauta pronta e estabelecida e tentar apresentar o cotidiano, neste caso, dos habitantes do Nordeste Semiárido a partir do imaginário social de seu povo: as riquezas estéticas reveladas nos ritmos, nas imagens e na fala, sem para isso recorrer aos modelos fixos.

Não se pode reduzir o Nordeste Semiárido apenas a clima, vegetação, solo, sol ou falta de água. Por mais que os estereótipos estejam petrificados no imaginário em geral e a mídia seja uma disseminadora dessa ideia, esse espaço geográfico é também música, povo, festa, arte, religião e história. De forma sucinta, pode-se afirmar que este é mais que um lugar imaginado, é um processo social e não pode ser compreendido por um único ângulo.

Marcel Proust diz que a verdadeira viagem do descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ver com novos olhos. E o cotidiano dá essa margem para entender como as formas sociais constroem a realidade com a qual operamos, extraíndo dele a perspectiva de traçar novos horizontes de sentido ao compreender as aparências como fenômenos sociais dotados de riqueza e significado. A busca por esse novo olhar deve ser a meta, a preocupação de todo jornalista, de todo pesquisador, de todo ser humano.

A atividade de pesquisa sobre a construção do cotidiano dos habitantes do Nordeste Semiárido se propõe a participar do debate a respeito do papel e a apresentação da mídia no cotidiano. Nesse caminho metodológico pretende-se perceber as estratégias discursivas postas em funcionamento na mídia e pela mídia, recorrendo a categorias de análise direcionadas para a existência em sua totalidade, na tentativa de destacar toda a carga de experiência que habita nas dimensões do presente.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Nova delimitação do Semi-árido brasileiro**. Brasília, 2005. Disponível em <<http://www.mi.gov.br/publicacoes/desenvolvimentoregional/redelimitacao.asp>>. Acessado em 05 outubro 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1995.

_____. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. **Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística**. In: Revista Brasileira da Comunicação. São Paulo, 2004, p. 31-50. Disponível em <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/868/650>>. Acesso em 12 outubro 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise da narrativa jornalística**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007, p 143-167.

PEREIRA, Wellington. A comunicação e a cultura no cotidiano. In: **Revista Famecos**. Porto Alegre, nº 32, abril, 2007.

_____. A inscrição do cotidiano no jornalismo impresso (o artesanato da pesquisa). In: **Culturas Midiáticas**. João Pessoa, ano II, nº1, jul/dez, 2009.

SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social**. Passo Fundo: UPF, 2003.